

PATERNIDADE NA ADOLESCÊNCIA: VALORES EXPRESSOS NA FAMÍLIA DO PAI ADOLESCENTE

MEINCKE, Sonia Maria Könzgen²
CARRARO, Telma Elisa³

Introdução: A paternidade é um tema que vem inquietando estudiosos a realizarem investigações sobre esse fenômeno, uma vez que a grande maioria dos pesquisadores direciona o olhar à maternidade. Esse fato pode ser evidenciado na produção acadêmica sobre a paternidade, a qual é escassa, quando comparada à quantidade de trabalhos referentes à maternidade. Para os programas públicos de saúde os pais são considerados personagens “invisíveis”¹⁻²⁵⁸. A escassez de trabalhos abordando a paternidade pode ser devido à cultura e organização da sociedade brasileira contemporânea. Esta enfatiza e valoriza a ideologia da participação materna no cuidado dos filhos (espaço privado) e o pai (espaço público), geralmente está mais distante do contexto familiar, executando o papel de provedor financeiro da família. Família, neste estudo, engloba o conceito de um grupo de pessoas no qual seus membros dizem fazer parte dela, podendo essas pessoas ser ou não ligadas por consangüinidade e aliança². Apesar das mudanças ocorridas nas famílias brasileiras em sua estrutura e organização, ela continua sendo “o principal agente socializador da

criança e responsável pelo atendimento de todas as suas necessidades básicas, bem como pela formação dos referenciais de vida que lhe possibilitarão enfrentar o mundo”³⁻². O cuidado que emerge na família traz consigo um contexto no qual a criança interage/aprende/desenvolve valores e sentimentos desde pequena, desse modo aprendendo conceitos. A formação da identidade que o adolescente possui tem como base um referencial de mundo aprendido na família, que foi/é construído/propagado entre as gerações. Ao vivenciar o início da adolescência, esse referencial geralmente começa a ser questionado, bem como seus valores. O adolescente defronta-se, então, com outras referências, experimentando novas situações na convivência com amigos, dando forma à sua identidade. Dessa maneira, a paternidade é construída e exercida conforme o contexto social e familiar, bem como a visão de mundo que os(as) meninos(as) vivenciaram/vivenciam. Para tanto, é necessário desenvolver novos olhares para a paternidade, e em especial para a paternidade na adolescência, através das gerações nas famílias. A paternidade na adolescência é vivenciada de

¹Este trabalho é parte da tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Enfermagem (PEN) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), intitulada: A construção da paternidade na família do pai adolescente: contribuição para o cuidado de enfermagem defendida 2007 a qual contou com o apoio financeiro da coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)/ Programa de Qualificação Institucional (PQI)

²Relatora Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal de Santa Catarina, Docente do Departamento de Enfermagem da Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia da Universidade Federal de Pelotas. Endereço: Rua Gomes Carneiro nº 2233 apto 201, Centro- Fone: (53)- 32786476 -Pelotas -RS, CEP: 96010-610, E mail: meincke@terra.com.br.

³Pós-Doutora em Enfermagem. Docente do Departamento e da Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina - PEN/ UFSC. Orientadora da tese.

acordo com a cultura e geralmente está embasada em valores e sentimentos das famílias, os quais foram construídos ao longo das gerações. Dessa maneira cada família experiencia valores na vivência da paternidade na adolescência nos diferentes contextos. Este trabalho **objetiva** abordar os valores da família do pai adolescente na vivência da paternidade na adolescência. **Material e métodos** : Evidencia um recorte de uma pesquisa de natureza qualitativa, desenvolvida no município de Pelotas, no estado do Rio Grande do Sul – Brasil, com famílias de pai adolescente nas suas três gerações, ou seja, com o pai adolescente, seus pais/mães e seus avós. Os critérios de seleção dos informantes foram ser homem com idade inferior a 20 anos, ter vivenciado ou estar vivenciando a paternidade na adolescência, possuir pai e/ou mãe e avô e/ou avó a fim de proporcionar a investigação nas gerações; ser familiar do adolescente pai, na figura de pai e/ou mãe e avó e/ou avô; residir no perímetro urbano da cidade; aceitar participar do estudo e permitir o uso de gravador. Os participantes do estudo eram moradores de três bairros da cidade de Pelotas – RS, de pontos bem distintos e distantes um do outro. Os princípios éticos encontram-se apoiados na Resolução 196/96 ⁴ tendo a pesquisa sido aprovada pela Comissão de Ética da Universidade Federal de Santa Catarina conforme parecer n°. 340/05. A preservação da identidade das famílias foi mantida, pois receberam codificação de cores: Família Azul; Família Vermelha; e Família Verde e os informantes foram identificados com nomes fictícios escolhidos pelas pesquisadoras. Os informantes que fizeram parte desta pesquisa foram três pais adolescentes e seus familiares,

na figura de seu pai, sua mãe e sua avó, os quais no estudo foram considerados informantes-chave. Na coleta de dados foi utilizado a entrevista narrativa, o genograma e o ecomapa. A técnica de entrevista narrativa tem a intenção de reconstruir acontecimentos sociais a partir da perspectiva dos informantes⁵. Assim, nessa entrevista, o informante é encorajado e incentivado a contar a história sobre algum acontecimento. No caso do presente estudo, todos os informantes foram estimulados a relatarem sobre a paternidade na adolescência. Contemplamos as narrativas de vivência, uma vez que retratou a história de uma experiência, ou seja, a vivência da paternidade, a qual é construída como um processo⁶. Considerando que a entrevista narrativa é um procedimento de coleta de dados que suscita o contar histórias, ela pode ser analisada de diversas maneiras. Existem três possibilidades de análise: “a análise temática, a proposta do próprio Schütze e a análise estruturalista” ^{7:105}. Adotamos a proposta de Schütze e o referencial teórico foi a Abordagem Bioecológica do Desenvolvimento Humano de Bronfenbrenner, uma vez que consideramos o homem como um ser social que atua seguindo normas e valores, interage e compartilha direitos e deveres na sociedade. Numa sociedade, os valores são organizados num sistema que deve ter certa coerência, ainda que implique em contradições. “Os valores variam com as civilizações e, no interior de uma mesma civilização, com os grupos e categorias sociais [...] O valor é transcendente e absoluto para aquele que o serve”⁸⁻¹⁰⁷. Durante os encontros realizados com a Família Azul, Família Verde e Família Vermelha e seus integrantes emergiram como valores: o respeito, a afetividade, a presença paterna, o

apoio social, o caráter, a responsabilidade, a condição financeira, o apoio social, a união familiar, a tradição, a obediência, a educação, a motivação, a saúde e a religião. Esses valores favoreceram a aceitação/enfrentamento do processo, bem como a interação na família e o desenvolvimento do papel de pai na adolescência. Os valores, não são simples palavras ensinadas às crianças “são construtos latentes cuja presença se faz perceber no comportamento cotidiano das pessoas. [...] as pessoas não diferem devido aos seus valores específicos, mas em função da prioridade que dão a alguns valores”⁹⁻⁴³³. Os valores perpassam situações, idéias ou instituições. Dessa maneira destacamos que a família é uma co-construtora de valores e sentimentos que influenciam na construção da paternidade. Assim, as narrativas que abordaram os valores expressos pelas famílias de pais adolescentes apontaram que os posicionamentos assumidos pelos adolescentes acerca da paternidade variaram em grau, natureza e intensidade e estavam embasados na história familiar da vivência e de cuidado das mesmas para com seus membros.

Palavras chaves: Paternidade, Adolescência, Família, Valores.

Referências:

- 1 Orlandi R, Toneli MJF. Sobre o processo de constituição do sujeito face à paternidade na adolescência. *Psicol. rev.* 2005; (11):257-267.
- 2 Wrigth LM, Leahey M. *Enfermeiras e famílias: um guia para avaliação e intervenção na família.* 3ª. ed. São Paulo: Roca; 2002.
- 3 Marcon SS. *Criar filhos: experiências de famílias de três gerações.* 1998. [tese] Florianópolis (SC): Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal de Santa Catarina –UFSC; 1998.
- 4 Ministério da Saúde (BR), Conselho Nacional de Saúde, Comissão Nacional de Ética em Pesquisa. Resolução No 196 de 10 de outubro de 1996: diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília: MS; 1996.
- 5 Schütze F. *Die Technik des narrativen Interviews in Interaktionsfeldstudien: dargestellt an einem Projekt zur Erforschung von kommunalen Machtstrukturen.* 1977. Universität Bielefeld: Fakultät für Sociologie.
- 6 Silva DGV, Trentini M. Narrativas como técnica de pesquisa em enfermagem. *Rev. Latino-Am. Enfermagem.* 2002 maio-jun.; (10): 423-32.
- 7 Jovchelovitch S, Bauer MW. Entrevista narrativa. In: Bauer MW, Gaskell G. *Pesquisa qualitativa com texto e imagem: um manual prático.* Petrópolis: Vozes; 2002.
- 8 Mendras H. *Princípios da sociologia: uma iniciação à análise sociológica.* 6ª. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores; 1983.
- 9 Gouveia VV. A natureza motivacional dos valores humanos: evidências acerca de uma nova tipologia. *Estud. Psicol.* 2003 Dez.; 8 (1): 431-43.